



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ



**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Cidade de Deus: a representação do sujeito periférico e as tensões narrativas presentes na obra
<b>Autor</b>	NATHIELLE RODRIGUES NOGUEIRA
<b>Orientador</b>	CARLOS AUGUSTO BONIFACIO LEITE

**RESUMO:** Ao pensar sobre *Cidade de Deus* (2002), cabe questionar sobre o lugar que essa obra ocupa na Literatura Brasileira. Em muitas entrevistas, Paulo Lins, autor do referido romance, fala sobre o fato de não considerar que sua obra seja o que se chama de “literatura periférica”. Ora, enquanto ex-morador do bairro Cidade de Deus, oferecendo, portanto, um olhar interno do ambiente narrado, por que, afinal, o autor defende que essa literatura não é periférica? A partir desse questionamento, a pesquisa busca: 1. entender como se constitui o sujeito periférico, levando em consideração, sobretudo, os apontamentos feitos por Tiarajú Pablo D’andrea (2013); 2. apontar que tipo de representação esse sujeito ganha dentro desse romance, tendo como pressuposto teórico a autora Gayatri Spivak (2010); 3. e, a partir dessas formulações, repensar sobre o lugar que *Cidade de Deus* ocupa em nossa literatura. Para além disso, esta pesquisa também interessa-se na forma e na linguagem utilizadas no romance. Cabe destacar que, ao lermos essa obra, podemos chamar atenção para a presença de uma linguagem que oferece certa tensão ao leitor: se por um lado a linguagem encarnada pelo narrador é lírica, trazendo certa ousadia de linguagem, qualificada por uma “inesperada insistência na poesia” (SCHWARZ, 1999), há, por outro lado, nas falas dos sujeitos representados no romance, uma evidente coloquialidade. Levando isso em conta, pode-se apontar essa tensão narrativa como uma marca de certo **distanciamento** entre esse narrador cheio de lirismo e as personagens por ele caracterizadas no texto. Esse fenômeno é fomentado por essa alternância de registros, o que, por sua vez, contribui para que questionemos a representação promovida pela obra, que, em certa medida, pode apresentar, na verdade, não a voz do sujeito periférico, mas uma voz narrativa que **fala por** esse sujeito. Há ainda mais um último tópico a que essa pesquisa se dedica: pode-se notar que, em certos momentos da obra, essa tensão narrativa é relativizada. Quando isso ocorre, é necessário que atentemo-nos para certo contraste com o que antes foi apontado: é através do discurso indireto livre que a distância se dissipa, favorecendo, desse modo, uma maior proximidade entre narrador e suas personagens, o que, por conseguinte, faz com que as tensões narrativas fiquem mais abertas. Essa pesquisa se vale dos apontamentos feitos por James Wood (2017), o qual diz que é graças ao estilo indireto livre que passamos a ver coisas através dos olhos e da linguagem das personagens, e, ao mesmo tempo, através dos olhos e linguagem do autor. A partir disso, qual, afinal, é o sentido dessa aproximação em *Cidade de Deus*? Diante do exposto e de posse dessas interrogações e apontamentos, o presente trabalho busca entender de que maneira *Cidade de Deus* constitui-se ou não como literatura periférica, além de questionar a representação que a obra oferece desse sujeito subalternizado. Ademais, tem-se como intuito apontar as articulações entre narrador e personagens, sobretudo nos momentos em que há separação e aproximação, com o intuito de desvendar de que forma o discurso indireto livre, de fato, contribui para que o distanciamento apontado se dissipe, mesmo que, em alguns momentos, ajude a chamar atenção para o mesmo.